


Histórias de vida e formação experiencial de pessoas adultas aposentadas

Maria das Neves Silva
Carmen Cavaco

Maria das Neves Silva

Associação Nacional de Gerontologia,
PE, Brasil, Brasil


E-mail: maria_neves2009@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0920-9914>

Carmen Cavaco

Universidade de Lisboa, ULisboa,
Portugal

E-mail: carmen@ie.ulisboa.pt

 <https://orcid.org/0000-0001-8261-7650>

Resumo

Na sociedade contemporânea, o número de adultos aposentados vem aumentando devido ao prolongamento da expectativa média de vida. Neste artigo, objetiva-se analisar os processos de formação experiencial de pessoas adultas aposentadas a partir das suas histórias de vida. A análise é baseada em dados empíricos resultantes de uma investigação biográfica com seis indivíduos de idade superior a 60 anos, residentes no Brasil. As entrevistas foram objeto de análise temática de conteúdo e adotados os procedimentos e princípios éticos requeridos nesse tipo de pesquisa. A abordagem biográfica possibilitou a compreensão das narrativas, histórias de vida, e da forma como os sujeitos da pesquisa apropriaram as suas experiências, em especial aquelas que consideraram mais significativas na sua formação. Os resultados apontam para experiências muito diversificadas e momentos significativos, que interferiram na formação dos sujeitos, nomeadamente, na forma de pensar e agir; na identidade; e, por vezes, na espiritualidade. As influências da escola e dos pais, na história de vida e no processo de formação, são reconhecidas pelos participantes. Na infância, predominam relações marcadas pela heteronomia em face da família e, progressivamente, ocorre uma tentativa de autonomização, mesmo quando isso implica decisões diferentes, ou mesmo contrárias, às esperadas pelos pais. A singularidade da trajetória e do modo como cada sujeito (re)apropria e (re)elabora a experiência origina o processo da individuação.

Palavras-clave: Formação experiencial. Histórias de vida. Pessoas adultas aposentadas.

Recebido em: 12/04/2023

Aprovado em: 15/08/2023



Abstract**Keywords:**

Experiential learning. Life histories. Retired adults.

Life stories and experiential learning of retired adults

In contemporary society, the extension of average life expectancy was reflected in the increase in the number of retired adults. This article aims to analyze experiential learning processes of retired adults, based on their life stories. The analysis is based on empirical data resulting from biographical research with six adults over the age of 60, living in Brazil. The interviews were subject to thematic content analysis. The procedures and ethical principles required in this type of research were adopted. The biographical approach enabled the comprehension of the narratives of life stories, of the way in which subjects across their experiences, especially those they considered most significant in their training. The research results point to very diversified life experiences and significant moments that interfere in the learning of the individual, namely, in way of thinking and acting, as well as in identity and, sometimes, spirituality. The influences of the school and parents in the life history and in the learning are recognized by the participants. In childhood, relationships marked by heteronomy with the family predominate and, progressively, there is an attempt to predominate autonomy, even when this implies different or even contrary decisions to those expected by the parents. Experiential learning results from the uniqueness of the life history and the way each subject (re)appropriates and (re)elaborates the experience, which originates the process of individuation.

Resumé**Mots-clés:**

Formation expérientielle. Histoires de vie. Personnes retraitées.

Histoires de vie et formation expérientielle des personnes adultes retraités

Dans la société contemporaine, l'augmentation du nombre des personnes retraités dérive de l'allongement de l'espérance de vie moyenne. Cet article vise à analyser les processus de formation expérientielle des personnes adultes retraitées à partir de leurs histoires de vie. L'analyse est basée sur des données empiriques résultants d'une enquête biographique auprès de six adultes de plus de 60 ans, résidant au Brésil. Les entretiens ont fait l'objet d'une analyse de contenu thématique. Ont été adoptés les procédures et les principes éthiques requis dans ce type de recherche. L'approche biographique a permis de comprendre les récits de vie, la manière dont les sujets s'approprient ces expériences, notamment les plus significatives dans leur formation. Les résultats de la recherche manifestent des expériences de vie très diversifiées et des moments significatifs qui interfèrent dans la formation du sujet, à savoir dans sa façon de penser et d'agir, ainsi que dans son identité et spiritualité. Les influences de l'école et des parents dans le récit de vie et dans le processus de formation sont reconnues par les participants. Dans l'enfance, prédominent les relations marquées par l'hétéronomie avec la famille et progressivement gagne place l'autonomie, même lorsque cela implique des décisions différentes voire contraires à celles attendues par les parents. La formation expérientielle résulte de la singularité du récit de vie et de la façon dont chaque sujet se (ré)approprie et (ré)élabore l'expérience, ce qui est à l'origine du processus d'individuation.

Introdução

Nas últimas décadas, o alargamento da expectativa de vida, decorrente da progressiva melhoria de condições e dos avanços da Ciência, contribuiu para o aumento do número de pessoas adultas de idade avançada. Os dados empíricos, que suportam a análise apresentada neste artigo, foram obtidos em uma investigação biográfica, realizada por meio de entrevistas com seis indivíduos, de idade superior a 60 anos, residentes no Brasil. Neste artigo, o objetivo é analisar os processos de formação experiencial de pessoas adultas aposentadas com base em suas histórias de vida, como recorte de uma investigação mais ampla. Desde meados do século XX, os indivíduos vêm se deparando com mudanças significativas nos domínios econômico, social e cultural, aspectos que têm influenciado as vivências e os processos formativos. Nesse contexto de mudanças rápidas e alta imprevisibilidade, a “[...] pressão para tomar decisões sempre novas, para mudar continuamente de orientação, é interiorizada de maneira mais ou menos clara pelos próprios indivíduos” (Alheit; Dausien, 2006, p. 184), nas várias fases – infância, juventude, adultez e velhice.

A formação experiencial é um processo amplo, diversificado e complexo, que ocorre em todos os tempos e espaços de vida, e resulta da reflexão, (re)elaboração e apropriação da experiência de vida. Nesse sentido, “[...] acompanha o processo de humanização, de socialização e de individuação, sendo complementar à transmissão de saberes construídos ao nível sócio-histórico” (Cavaco; Presse, 2022, p. 215). A humanização diz respeito a conviver em harmonia com o ambiente, os outros e si próprio. A socialização incide nas trocas sociais; na capacidade de viver juntos; na relação com os outros, por meio da apropriação e transformação de elementos culturais.

A individuação é interdependente da humanização e socialização, mas consiste na singularidade que cada sujeito assume em face dos demais, do ponto de vista das suas experiências, saberes, capacidade de agir, identidade e existencialidade. A individuação decorre de um conjunto diversificado e complexo de fatores – individuais, ambientais, sociais e culturais. A formação experiencial é permeada por dinâmicas de humanização, socialização e individuação, nas quais os sujeitos procuram o equilíbrio entre heteronomia e autonomia. A construção da narrativa biográfica é uma oportunidade “[...] para ter acesso à compreensão diacrônica de processos emancipatórios, e mais especificamente à evolução – sempre singular – de relações entre autonomia e dependência” (Alhadeff-Jones, 2019, p. 69).

A investigação biográfica afigurou-se essencial para compreender o processo de formação experiencial de pessoas adultas aposentadas, a partir das histórias de vida, porquanto permitiu a (re)elaboração da experiência, com base na diversidade de contextos sociais, culturais, econômicos e políticos, através da “[...] dimensão temporal da experiência e da existência” (Delory-Momberger; Melin, 2018, p. 2).

O artigo está organizado em quatro partes. Na primeira, apresentam-se os elementos teóricos sobre a experiência e as histórias de vida; na segunda, trata-se da formação experiencial; na terceira, explicita-se a metodologia; e, na quarta, estão expressos os dados empíricos sobre a história de vida e a formação experiencial das pessoas adultas aposentadas entrevistadas.

Experiência e histórias de vida

Definir o significado de experiência é uma tarefa difícil, devido, essencialmente, a dois tipos de fatores. Primeiro, porque a experiência é concomitante com a vida e (re)construída em todos os tempos e espaços. Por ser intrínseca e familiar aos sujeitos, é uma dimensão naturalizada e, com frequência, pouco refletida, do ponto de vista consciente. Segundo, porque a experiência é diversificada, complexa, difusa e singular, pois resulta do modo como os sujeitos se apropriam e (re)configuram as vivências quotidianas.

A experiência advém da biografização de “[...] situações e acontecimentos da nossa existência, quando os organizamos e lhe atribuímos sentido” (Delory-Momberger, 2019, p. 81). Nessa perspectiva, a experiência é tudo o que se constitui ao longo do tempo, de formas individual e coletiva, na relação que a pessoa estabelece consigo própria, com os outros e o ambiente, quando é confrontada com a necessidade de agir e resolver situações e problemas, usando o corpo e a inteligência, o imaginário e a sensibilidade (Jobert, 1991). Além disso, inclui as situações e os projetos desejados e não concretizados, mas que influenciam a biografia, incorporando “[...] mesmo os não-fatos, as não-ações, as não comunicações” (Cavaco, 2009, p. 222). Embora afetada pelo social, é uma dimensão singular, determinante no processo de individuação. A apropriação e (re)elaboração da experiência de vida são dimensões específicas de cada sujeito, e assumem configurações muito variáveis, o que torna a pessoa diferente e única em relação às demais. As experiências influenciam e, simultaneamente, são influenciadas, pelas dimensões identitária e existencial.

A transformação das vivências em experiências implica a reflexão, por parte dos sujeitos, de que o processo, embora seja natural, é complexo, porquanto depende de um conjunto de fatores, como a disponibilidade, a motivação, a atribuição de sentido, a relação estabelecida com a experiência anterior e com os projetos futuros. A reflexão sobre as vivências, além de desencadear a (re)elaboração de experiências, possibilita a (re)formulação de sentidos e interligações para os acontecimentos, tornando as situações (im)previsíveis e desordenadas em iniciativas coerentes e articuladas. Nesse processo, os sujeitos (re)constróem, em permanência, a sua história de vida, através de narrativas nas quais emerge um enredo articulado, com sentidos espacial e temporal. As narrativas biográficas, elaboradas por meio de processos de biografização, são “[...] sincronizadores pessoais das diferentes temporalidades que nos compõem e decompõem” (Pineau, 2019, p. 232).

As histórias de vida resultam de narrativa (re)construída pelos sujeitos, na tentativa de dar forma, atribuir sentido e apropriar-se das vivências, transformando-as em experiências constituintes do modo de

agir, estar, pensar e viver. Nesse processo, os sujeitos (re)configuram-se e apoderam-se de si e da própria vida, pela narrativa e a representação da experiência, compreendendo o poder de dizer, narrar, agir e formar-se. Os sujeitos tornam-se quem são por meio de figurações com as quais representam a existência (Delory-Momberger, 2008). As narrativas que os sujeitos elaboram para si próprio e socializam com os outros são uma oportunidade de “[...] autoformação existencial, enfrentando os desafios sócio-pessoais, éticos e políticos para empreender a aprender, de modo a fazer e a refazer” (Pineau, 2019, p. 232) a sua existência.

A importância dos momentos-charneira nos domínios familiar, escolar, profissional e social; a influência de pessoas significativas e dos contextos; e a progressiva autonomização dos sujeitos em face da família são dimensões transversais às histórias de vida e ao processo de formação experiencial. As narrativas biográficas explicitadas e socializadas dão conta de dinâmicas complexas de heteronomia e autonomia na (trans)formação dos sujeitos. A narrativa biográfica, quando “[...] é descrita e interpretada, permite dar acesso a certas dinâmicas através das quais o sujeito individual ou coletivo desenvolve a autonomia ao longo da existência” (Alhadeff-Jones, 2019, p. 71).

As narrativas elaboradas pelos sujeitos, para dar forma e coerência à história de vida, revelam “[...] sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto” (Josso, 2007, p. 413). Nessa multiplicidade, a existencialidade humana é permeada por processos emancipatórios de “[...] conquista progressiva e sempre em vir-a-ser de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas” (Josso, 2007, p. 436), e modos de vida.

Formação experiencial

A formação é um processo amplo e difuso que acontece, em todos os tempos e espaços de vida, na relação que os sujeitos estabelecem com os outros, o ambiente e com eles próprios. Assumida essa perspectiva, a formação é interdependente da experiência de vida, porquanto é condição necessária “[...] para aprender algo” (Canário, 2006, p. 4). As vivências apresentam potencial formativo; contudo, a concretização da (trans)formação dos sujeitos ocorre, ou não, em função de um conjunto de fatores.

O processo formativo dá-se no período imediato à vivência e à sua (re)elaboração em experiência, ou ocorre mais tarde, diferido no tempo. A passagem da vivência para a experiência implica reflexão, atribuição de sentido e apropriação, por parte dos sujeitos, ou seja, “[...] perlaboração da experiência” (Alheit; Dausien, 2006, p. 179). A perlaboração da experiência é a habilidade, ou o potencial, para interpretar, rever e reajustar situações decorrentes das experiências vivenciadas.

A (re)interpretação, atribuição de sentido e apropriação da experiência, decorrem da biografização realizada pelos sujeitos e originam a autoformação. A formação experiencial implica a biografização, ou seja, um trabalho psicocognitivo realizado pelos sujeitos, de (re)interpretação e socialização da experiência de vida, no qual se produz “[...] como ser social singular” (Delory-Momberger, 2019, p. 47). A

biografização pode ser desencadeada pelos sujeitos, no cotidiano, na relação com eles próprios, ou com os outros, nos momentos de balanço e reflexão sobre as vivências.

Na formação experiencial, há uma relação de interdependência entre o individual e o social. Tal processo requer um trabalho realizado pela pessoa quando da reflexão e atribuição de sentido à experiência. Contudo, os recursos que mobiliza resultam de dimensões adquiridas no contato com os outros e da influência sociocultural. Além disso, as experiências individuais são marcadas, permanentemente, pela presença e influência do outro e do ambiente circundante.

A formação experiencial é influenciada pelos outros (heteroformação), pelo ambiente (ecoformação) e pela forma como cada pessoa se apropria da experiência de vida (autoformação). Através dela, a pessoa constitui-se, em paralelo, como ator e produtor de si mesmo e da sua formação. Essa dupla ação “[...] desdobra o indivíduo num sujeito e num objeto de um tipo muito particular, que podemos denominar de auto-referencial” (Pineau, 2014, p. 95). A formação experiencial origina “[...] transformações silenciosas” (Jullien, 2009, p. 21), porquanto são contínuas e afetam todas as dimensões do ser humano, tornando-se difícil captá-las na sua continuidade e globalidade. As histórias de vida e a formação experiencial são, com frequência, estruturadas com base nos momentos-charneira, em que ocorrem mudanças significativas.

Os sujeitos são confrontados com o desconhecido, a necessidade de decidir; resolver impasses e problemas; gerir sentimentos, medos, angústias; (re)definir projetos e estratégias; e mobilizar recursos. Nos momentos significativos, confrontam-se consigo próprios, com as suas possibilidades e limitações, a necessidade de refletir e agir, o que conduz a (trans)formações. Nesses períodos, é mais fácil aceder à sua atividade “[...] não só em situação de aprendizagem, mas também da sua atividade de integração das aprendizagens no seio de conjuntos comportamentais, orientados por um projeto de sujeito ativo” (Josso, 2014, p. 75). O ritmo acelerado da sociedade contemporânea, em geral, acarreta momentos de mudança, turbulência, e bastantes desafios, os quais interferem no curso da vida e no processo de formação.

Na idade adulta, a formação é influenciada por “[...] uma pluralidade de suportes educativos, culturais e afetivos, assim como de espaços diversificados de socialização” (Dominicé, 2008, p. 23). Através da formação experiencial, “[...] o sujeito é o produtor de si, e a experiência é o principal recurso que tem ao seu dispor para evoluir no sentido da autonomia, da participação social e da emancipação” (Cavaco, 2009, p. 221).

Metodologia

A análise apresentada neste artigo é fundamentada em dados empíricos provenientes de uma investigação biográfica de seis pessoas adultas aposentadas, com idades entre 61 e 80 anos. O objetivo foi analisar os processos de formação experiencial de pessoas adultas aposentadas com base em suas histórias de vida, como recorte de uma investigação mais ampla.

O estudo da formação experiencial exige a compreensão da história de vida do sujeito, a (re)elaboração e a socialização da experiência e dos adquiridos experienciais, o que justifica o recurso à investigação biográfica. Essa abordagem permite o estudo da formação experiencial através das histórias de vida, pois desencadeia e atualiza processos de biografização.

Os sujeitos participantes explicitam e socializam experiências, temporalidades, processos, aprendizagens, saberes, tensões e transições. Por meio da investigação biográfica, foi possível aceder à história de vida, às pessoas, aos momentos e contextos significativos na formação dos sujeitos. A investigação incidiu na realização de entrevistas biográficas com seis pessoas adultas aposentadas, residentes na Região Nordeste do Brasil.

Os critérios para a seleção dos entrevistados foram os seguintes: pessoas adultas aposentadas, da rede de contatos da investigadora, do sexo masculino e do sexo feminino, com qualificações acadêmicas e experiências profissionais diversificadas, além da disponibilidade para colaborar na pesquisa. O guião elaborado para a entrevista biográfica foi composto por quatro blocos temáticos: trajetórias de vida familiar, social, escolar e profissional; momentos significativos, pessoas e contextos; percepções sobre o envelhecimento e a velhice; formação experiencial.

Neste artigo, o recorte incidiu, essencialmente, na influência da escola, nomeadamente, dos professores, da família e do contexto político, na experiência e história de vida dos participantes. As entrevistas biográficas permitiram o acesso à diversidade, riqueza, complexidade e singularidade da história de vida e formação experiencial de cada sujeito, por meio de “[...] entradas que os sujeitos lhe dão mediante os atos de biografização a que se entregam” (Delory-Momberger, 2012, p. 525). No tratamento dos dados empíricos, optou-se pela análise temática de conteúdo (Bardin, 2020).

Ao longo das várias fases, procurou-se assegurar os princípios éticos da informação, transparência, do respeito, reconhecimento e da empatia (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE, 2020); All European Academies (ALLEA, 2018). Nos contatos iniciais, os participantes da pesquisa tomaram conhecimento dos objetivos, procedimentos e princípios éticos da investigação, assim como da justificativa do contato. Na ocasião, obteve-se o consentimento informado dos entrevistados e sublinhou-se o caráter voluntário da participação.

Apresentação e discussão de dados

Os dados empíricos provenientes das entrevistas biográficas permitiram analisar a formação experiencial das pessoas adultas aposentadas entrevistadas, a partir das suas histórias de vida. Narrativas biográficas viabilizam a compreensão das suas interpretações sobre as experiências nos diversos domínios – familiar, académico, profissional e social – e nas múltiplas temporalidades (infância, juventude, adultez e velhice). Apesar da singularidade das histórias de vida, há pontos de similaridade nas experiências

vivenciadas. Nos relatos do domínio acadêmico, as pessoas entrevistadas percebem os professores como educadores, preocupados e interessados nos processos formativos dos alunos.

Além disso, transparece a importância que as famílias de origem atribuem à escola como estratégia de mobilidade social, por meio do acesso a uma qualificação e a um trabalho condizente. O investimento na escola, por meio do prolongamento dos estudos, é influenciado pelas famílias, na tentativa de um duplo retorno – desenvolvimento pessoal e acesso ao trabalho qualificado –, com consequências positivas nas condições econômicas e na qualidade de vida. Nas narrativas biográficas, a escola e os professores são considerados determinantes nas oportunidades e nos projetos dos sujeitos:

Guardo esse lugar e meus professores num lugar muito especial do meu coração. [...] lá abriram as portas para mim, daquilo que eu queria ser no futuro (Francisca).

Era uma formação que foi um segundo lar. Era formador de personalidades: ser direito, ser respeitador, ser correto. Todos, nos anos 70, eram professores que educavam perfeitamente, tanto nas matérias deles como moralmente. [...] O ginásio foi muito importante, perfeito, professores dedicados e o interesse da minha parte (João).

A história de vida, o conhecimento adquirido e a formação dos sujeitos são influenciados, de formas contínua e transversal, pelas famílias. As decisões familiares, experiências e a educação proporcionadas no ambiente familiar, durante a infância e juventude, assumem papel de relevo no percurso dos sujeitos. A influência dos múltiplos domínios – familiar, escolar, profissional e espiritual – é mencionada. Apesar da singularidade de cada história de vida, há traços comuns, nesse domínio, como se percebe nas narrativas:

Fui a única pessoa da minha casa a estudar em colégio particular, [...] meu pai achava que eu merecia. [...] lá só estava gente com muito dinheiro. [...] que vinham do interior estudar interno e só falavam em dinheiro. Eu não tinha dinheiro. [...] Eu trazia da minha infância, da minha casa, leituras e poesias de poetisas, as mais importantes. [...] Meu pai me fazia ler e decorar, achava que eu tinha uma memória prodigiosa. [...] sou muito grata a tudo, toda minha vida escolar e à minha família. E também a Deus [que] me deu oportunidade de ser uma pessoa autêntica. [...] cheia de defeitos, de virtudes e com uma liberdade incrível (Francisca).

Nas coisas mais simples. Eu tenho a capacidade de imprimir uma página por causa de uma vírgula. Você tem de ser bom naquilo que faz [...] ele foi um exemplo. Painho era Auxiliar de Pedreiro, depois foi Pedreiro [...] foi Mestre de Obras. E estudou engenharia por correspondência. [...] Uma das coisas que eu trago é o respeito [...] a liberdade de cada um. Como a gente aprendeu em casa, minha liberdade termina onde a do outro começa [...] isso é o que eu levo [...] para os grupos que eu participo. São comportamentos trazidos do familiar, que eu aplico no social. [...] A gente lembra muito da educação deles e traz para a vida, em todo canto. Tanto na profissional como na vida doméstica (Joana).

Eu fui educado [...] pela minha mãe e tinha uma supervisão do meu pai [...]. Ele falava muito e marcou muito isso. [...] Sou muito disciplinado. [...] esse valor que eu dou ao núcleo familiar, pai, mãe, filhos, irmãos. [...] As influências que eu tive foram também de cunho político. [...] tinha posição política. [...] afrontava meu pai porque eu era hippie (Pedro).

Nos excertos das entrevistas, denota-se a importância da estrutura e das famílias na definição de estratégias e comportamentos individuais que atravessam as várias temporalidades, influenciando decisivamente as experiências dos sujeitos – o modo como exercem o seu ofício de aluno; as áreas de formação que escolhem; os seus valores; as possibilidades de inserção profissional e as condições de vida. A relação com o saber e a escola é mencionada, nas narrativas, e percebe-se a influência das famílias, dos professores e dos próprios sujeitos, determinando, em grande medida, o ofício de aluno, mas também o

reconhecimento e a identidade dos sujeitos:

Eu era um aluno [...] quase um símbolo da escola. [...] participava de tudo, de jogos, programas na televisão representando o colégio [...] jogos estudantis. Participava de todas as tarefas (João). Ali eu comecei e amei estudar. [...] aprender era [...] deslumbrante. Eu misturava aquilo ali com um conto de fadas [...] uma coisa mágica. Tudo era muito surpreendente [...] indo para a escola [...] estava indo para esse mundo inimaginável [...] Eu era eternamente deslumbrada, feliz. Fazia [...] tarefas com muita alegria [...] felicidade. [...] Eu adorava ir para a escola [...] sempre tirava notas boas e meus pais [...] vibravam (Francisca).

Nas biografias, os sujeitos apontam, essencialmente, momentos significativos caracterizados por dificuldades, os quais faziam surgir a necessidade de operar mudanças e tomar decisões, o que deu origem a transições biográficas. Essas transições resultaram de acontecimentos e constrangimentos muito diversos – sociais, políticos, profissionais e familiares. A figuração elaborada para narrá-las não contempla a experiência vivida em sua plenitude (Chené, 2014), mas aquilo que os sujeitos consideram mais significativo para socializar nas narrativas biográficas, no decurso das entrevistas.

A formação acadêmica, os projetos profissionais e o trabalho ocupam grande centralidade na sociedade contemporânea, porquanto determinam as condições de vida e a identidade dos sujeitos. Contudo, esses projetos e essas experiências profissionais, por vezes, são afetados pela imprevisibilidade da vida e pelos contratempos, e têm de ser revistos e alterados, para que os sujeitos encontrem o seu equilíbrio e bem-estar, o que é notório nas narrativas dos entrevistados:

Imaginava fazer Arquitetura no nível superior. Surgiu a oportunidade de fazer Desenho Industrial [...] um curso novo, pioneiro. Na época, não era nem reconhecido. [...] muitos colegas [...], perderam um ano e melhoraram a nota de cálculo para entrar em Arquitetura. Eu não quis. Optei por ficar em Desenho Industrial. [...] me dei muito bem [...] levei vantagem em relação a quem tinha feito o científico. Eu fiz Desenho de Móveis e Arquitetura na escola técnica e lá aprendia desenho (Joana).

Para ingressar na carreira de delegado nas polícias, onde já trabalhava, passei para delegado no Estado do Maranhão, mas não gostei nada das condições. A distância era grande, dos familiares. Muito distante de tudo. Fiz para Polícia Federal e fui reprovado em informática. Fiz para Pernambuco e fui reprovado em informática. Me irritei, me abusei, fui trabalhar e abandonei para fazer o concurso de delegado (João).

Na Petrobras, demitiram todos os funcionários da Decon/Digec. Foi um dos diretores do Ministério das Minas e Energias. [...] nem sequer se preocupou em ajudar a gente. [...] foi em 1973. Era a época da Ditadura. A gente não podia abrir a boca (Margarida).

Eu tinha um foco [...] jogar, lutar pelo Náutico [...] eu fazia tudo para jogar pelo Náutico. [...] mas a gente vai evoluindo. Chegou um ponto que eu estava vendo [...] muito difícil um atleta viver muito tempo. Os treinadores começaram a puxar demais e eu disse [...] dessa maneira [...] não! [...] Estou andando no limite. [...] comecei a divergir com a parte técnica [...] comecei a não fazer [...] o que eles exigiam e isso teve um preço. Eu fui colocado em segundo plano [...]. Mas, em nenhuma altura me arrependia [...] eu estava zelando pela minha saúde. Pela minha longevidade (Pedro).

Nas narrativas de Joana, Margarida, João e Pedro, é evidente a importância que atribuem a projetos, ou experiências, assumidos numa fase inicial da adultez ou na transição da juventude para a vida adulta e que ficaram suspensos. As vivências interrompidas ou inviabilizadas são assumidas como experiências marcantes para os sujeitos, merecendo um lugar de destaque nas narrativas que moldam a história de vida

de cada um.

Os sujeitos expressam a sua margem de autonomia para (re)orientar os projetos, ainda que esses sejam condicionados por fatores sociais e políticos. A narrativa biográfica de Pedro é atravessada por uma mudança de planos que implicou a saída do Brasil e a interrupção dos estudos acadêmicos:

Na Escola Técnica [o que] aconteceu de relevância foi um certo percurso político. [...] fui tirar a carteira de motorista, não quiseram tirar, disseram que eu era cabeludo. Tive problemas, inclusive sai em jornais. [...] não consegui concluir o curso da Escola Técnica. Eu tive de sair do Brasil. Em 74(.) fui para Portugal. Antes disso, fiz vestibular e consegui entrar para Física. Não consegui cursar, sailigeiramente apressado. [...] Foi quando tive de sair para Portugal. [...] não consegui fazer o curso da Escola Técnica. Não consegui cursar a Federal, Física. Foi um ponto muito importante porque modificou a trajetória previsível que eu tinha (Pedro).

As trajetórias são influenciadas por múltiplos fatores e, nesse caso, o contexto político foi determinante. As contrariedades e dificuldades são, por vezes, entendidas e aproveitadas como oportunidades, promovendo transições biográficas que contribuem para novas vivências, experiências e (trans)formação do sujeito:

Tive de sair [do país] e isso alterou completamente minha trajetória de vida. [Viajei para] Portugal, outro país, outra maneira de ver as coisas [...] adquiri outros conhecimentos, outra maneira de encarar a vida [...], até brinco com a situação e digo: [...] Eu adoro a Ditadura [...] graças à Ditadura [...] consegui ir para Portugal e ser um vencedor, hoje [...] a Ditadura [...] abriu esse caminho para mim (Pedro).

Em Portugal, Pedro iniciou a sua vida profissional e tentou dar continuidade à formação acadêmica no ensino superior, mas surgiram novos desafios, que teve de ultrapassar:

Consegui me matricular no Instituto Superior Técnico em Engenharia Eletrotécnica [...] trabalhando na Rede Ferroviária, em Portugal. [...] Não cheguei a concluir. Tive um esgotamento [...] trabalhava de noite. A carga horária nos Caminhos de Ferro era quase 45 horas semanais [...] a facilidade que me deram foi trabalhar à noite e estudar de dia. [...] tive de ir para o Brasil. [...] me recuperar junto à família e amigos [...]. Passei nove meses [...] depois regressei a Portugal (Pedro).

As experiências apresentam sempre um potencial formativo, para os sujeitos. Pedro reconhece que, embora não tenha concluído os cursos de ensino superior que frequentou no Brasil e em Portugal, as aprendizagens obtidas por meio dessas experiências foram muito importantes, dos pontos de vista profissional e pessoal, em sua trajetória de vida:

Apesar de não ter concluído Engenharia Eletrotécnica, ficou a experiência adquirida com eletrotécnica, estudei muita matemática [...] visão do mundo [...]. Na física, também estudei muita matemática e isso fez com que eu me tornasse uma pessoa muito versátil, tanto profissionalmente como em termos de vida. [...] faço milhões de coisas. [...] sou capaz de construir uma casa, conserto carro, tudo isso. E isso me ajudou bastante [...] apanhei um conhecimento e soube aproveitar e adaptar a minha profissão. Eu era Operador de Subestação de Centrais Elétricas e depois fui encarregado. Quando eu me aposentei, mais da metade da rede elétrica ferroviária portuguesa era coordenada por mim (Pedro, grifo nosso).

A influência das famílias nas trajetórias de vida, nomeadamente na orientação do percurso acadêmico e nas escolhas vocacionais, é um traço comum a vários entrevistados. As histórias de vida dos

sujeitos participantes da pesquisa dão conta de processos que oscilam entre a heteronomia e a autonomia. A heteronomia é predominante na infância e a autonomia começa a ganhar relevo na juventude, reforçando-se na adultez.

Com a autonomização, os sujeitos decidem o que consideram mais adequado para si e, por vezes, contrariam as expectativas daqueles que são mais próximos e importantes. Os entrevistados destacam momentos e situações experienciadas na juventude e na adultez resultantes de decisões pessoais, tomadas com o apoio da família e, outras vezes, à sua revelia:

*Foi o maior desgosto que eu dei para o meu pai e minha mãe. [...] quem pagou meu vestibular foram eles, disseram: Está aí o dinheiro para você fazer Direito ou Jornalismo. [...] me inscrevi em Pedagogia, quase que têm uma coisa lá (Francisca).
A partir dos quinze anos, surgiram esses choques. [...] já no Ensino Médio e comecei a perceber. O sonho do meu pai era que eu fosse para a carreira militar (Pedro).
Não esqueço nunca, ele tirou o dinheiro do bolso. [...] e me deu o [dinheiro] da matrícula e disse: Olhe, minha filha, você acabou com o único sonho que seu pai tinha para você, ver você estudando aqui nesse colégio. Como botou tudo a perder, tome aqui o dinheiro e vá estudar onde quiser. A gente faz questão de não decepcioná-los (Joana).
Minha família era católica e evangélica, eu fui me tornar espírita. E não era aceita, tive muita dificuldade, mas nunca desisti porque sempre achei certo o que sentia, do que eu era chamada a trabalhar com a espiritualidade. Isso aí colocou para mim [...] como uma pessoa muito decidida [...]. Embora eu tivesse que enfrentar conflitos na minha casa, sentia que o que eu estava fazendo era bom. Hoje, tenho essa consciência que, embora com muita dificuldade, mas eu buscava fazer aquilo que eu me sentia bem [...] Mesmo que todos estivessem contra. [...] foi importante para mim eu saber que tenho essa determinação em fazer as coisas mesmo com dificuldade (Clara).*

Na adultez tardia, os sujeitos mantêm o seu processo de autonomização, procurando novas experiências, em continuidade ou ruptura com o já acontecido na sua vida:

*Minha professora levantou-se, aplaudiu [...] e disse: Você foi além [...] Você pode mais do que eu imaginei! [...] eu era a aluna mais velha da turma, vim fazer esse curso de pós-graduação, meus filhos já [eram] adultos. Eles que me ajudavam a digitar. Eu tinha mais de 50 anos (Francisca).
Era vista como uma pessoa diferente, porque sempre busquei coisas diferentes. Minha família sempre me chamou estranha, por isso eu sempre busquei dentro de mim. [...] uma necessidade de conhecer algumas vertentes religiosas. Fiz pesquisas com o candomblé, conheci a umbanda e passei os últimos dez anos dentro do espiritismo. Todo esse processo foi uma preparação para eu chegar no xamanismo (Clara).*

Os momentos significativos constituintes da história de vida dos sujeitos influenciam de forma determinante o seu processo de formação. Os desafios, as contrariedades e os problemas vividos apresentam elevado potencial educativo, como se percebe nas narrativas dos entrevistados. Os momentos-charneira destacados ocorreram, essencialmente, em situações acadêmicas e profissionais, mas também no domínio espiritual.

Os momentos identificados nas narrativas biográficas são associados a processos de formação experiencial, porquanto os sujeitos foram implicados no confronto e na resolução de problemas. Isso exigiu um processo de reflexão e decisão, ancorado nas suas experiências anteriores, naquilo que vivenciavam no presente e na forma como se projetava no futuro:

*Tinha uma capacidade enorme [...] competência, uma inteligência, uma memória incrível. [...] comecei a usar isso a meu favor. Eles falavam de dinheiro e eu de inteligência (Francisca).
Outro país, outra maneira de ver as coisas. [...] adquiri outros conhecimentos, outra maneira de encarar a vida, [...] as coisas que eu não teria tido se não tivesse acontecido de ir (Pedro).
No xamanismo, eu me senti muito acolhida. [...] a gente passa por vários processos. [...] aqui eu posso dizer que me desconstruí para poder me construir. [...] passei por mortes. Mortes espirituais [...] porque cheguei com muitos conceitos e para me autoconhecer e entender tudo que estava acontecendo comigo, tive de deixar vários conceitos. Passei por vários tratamentos, de traumas de infância, de culpa, de medo. Com base em ritos xamânicos [...]. Eu me sinto bem diferente (Clara).*

As experiências que a memória (re)elabora, tais como relatam os sujeitos da investigação, remontam a várias fases da vida e constituem-se por meio de um processo global e contínuo, revelando o seu potencial de (trans)formação (Dominicé, 2014). As narrativas biográficas dos entrevistados permitem compreender a diversidade, singularidade, continuidade e complexidade das experiências de vida e do seu impacto na formação dos sujeitos, nomeadamente nos planos identitário e existencial.

Considerações finais

As histórias de vida (re)construídas e explicitadas na investigação, pelas pessoas adultas aposentadas, revelam a diversidade e singularidade das experiências de cada sujeito. Os momentos significativos, que definem as suas narrativas biográficas, deram lugar a processos de (trans)formação em diversos domínios, fluindo do familiar ao escolar, do profissional ao social, evidenciando as ligações entre as várias esferas da vida (Dominicé, 2014).

Esses momentos resultaram de vivências programadas e desejadas, mas também de situações imprevisíveis. Os dados empíricos revelam que os sujeitos (re)constroem, atribuem sentido e coerência a experiências decorrentes de desafios e da imprevisibilidade, nas quais são confrontados com a necessidade de mudanças rápidas.

Nas entrevistas biográficas, os sujeitos participantes (re)elaboraram a sua história de vida e organizaram a narrativa de acordo com enredos que constituem a trama principal da individuação, ou seja, a forma singular e única de ser e sentir-se sujeito. Francisca destacou a inteligência e a curiosidade, o que justifica a relação muito forte com a escola e com o saber. Procurou sempre ser uma aluna exemplar e, em termos profissionais, viria a ser professora, contra a vontade do pai, atividade que ainda mantém, apesar de estar aposentada. A escola marcou as trajetórias pessoal, profissional e familiar, segundo relatou.

Pedro mencionou a insubordinação ao pai e à sociedade, sua ação política, a migração, a diversidade de saberes e competências, e o sucesso profissional. Joana referiu a insubmissão à escola e aos professores, a escolha de um curso em uma área profissional essencialmente masculina, na época; o sucesso profissional e as dificuldades sentidas devido à discriminação contra as mulheres no mercado de trabalho.

João estabeleceu como fio condutor da sua narrativa a importância do reconhecimento obtido nos espaços constitutivos de sua trajetória de vida, destacando o empenho, a qualidade, dedicação, liderança, o diálogo, a empatia e o bem-estar.

Margarida realçou, como característica da sua trajetória, a capacidade de se refazer com tranquilidade, alegria e perseverança, nas múltiplas fases da vida. Clara focou o enredo da sua história de vida no fato de se sentir diferente, no seio da família, assim como no processo de (re)conhecimento de si através da espiritualidade. Os enredos são figurações que marcam as histórias de vida, a identidade e existência (Delory-Momberger, 2008).

Os momentos significativos destacados nas narrativas dão forma e sentido à história de vida. Neles, os sujeitos revelam a atividade de confronto próprio e com os que os rodeiam, registrando “[...] uma dupla lógica [...] da individualidade que procura exprimir-se e da coletividade que exige em nome de normas e impõe” (Josso, 2014, p. 67) condutas e modos de ser.

Nesses momentos, ocorrem transições biográficas e os sujeitos deparam-se com a interdependência entre individualidade e coletividade, ou seja, entre o ser singular social, e a sua existencialidade singular-plural (Delory-Momberger, 2019; Josso, 2007). A reflexão sobre os momentos significativos dos sujeitos implica a “[...] perlaboração da experiência” (Alheit; Dausien, 2006, p. 179) e manifesta, simultaneamente, um ser individual, com autonomia e singularidade, e um ser social determinado pelas influências sócio-históricas do seu tempo e dos seus contextos de vida.

A história de vida e a formação experiencial são caracterizadas pela interdependência entre a heteronomia e a autonomia. Ao longo da vida, os sujeitos tomam consciência do seu poder de agir e buscam autonomizar-se relativamente às imposições que surgem nos diversos contextos. Procuram o predomínio da autonomia, para conduzir o enredo da narrativa biográfica, com opções advindas de reflexões e análises (Dominicé, 2014). Nessa autonomização, os sujeitos deparam-se com a dualidade de “[...] ser ou tornar-se para ser reconhecido e aquilo que acredita querer ser ou tornar-se para ser autenticamente ele próprio” (Josso, 2014, p. 67).

As narrativas dão conta da influência dos pais e da autonomização de cada sujeito, nesse domínio. Os momentos de ruptura e a autonomização relativamente aos pais foram importantes e fazem parte da formação, porquanto interferiram na forma como cada sujeito se construiu e no que se transformou (Dominicé, 2014). Aquilo em que os sujeitos se transformaram resultou de um processo diacrônico de emancipação-dependência (Alhadef-Jones, 2019), que atravessou as várias fases da vida e se mantém em evolução na adultez tardia.

A formação experiencial das pessoas adultas aposentadas participantes da investigação confunde-se com as suas experiências. O percurso de vida foi concomitante com “[...] transformações silenciosas” (Jullien, 2009, p. 21), porquanto ocorreram mudanças em continuidade e na globalidade do sujeito. A continuidade é notória, em momentos significativos que atravessam as várias fases da vida – infância, adolescência, adultez e velhice. A globalidade é observada em mudanças que afetam as várias dimensões – cognitivas, motoras, emocionais, sociais, identitárias e existenciais.

Além disso, o que cada indivíduo reportou sobre a sua formação revelou a influência de padrões socioculturais constantes na multiplicidade de contextos – familiar, escolar, profissional e social. A atribuição de valor dada a cada experiência, que se afigura singular e complexa, amplia o entendimento do processo de formação, percebendo-se a sua concomitância com a vida. A formação experiencial das pessoas adultas aposentadas resultou da influência recíproca de fatores socioculturais que marcaram os seus contextos de vida e das dimensões subjetivas de cada sujeito.

Referências

- ALHADEFF-JONES, Michel. *Émancipation*. In: DELORY-MOMBERGER, Christine (Dir.). *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*. Toulouse: Édition Érès, 2019. p. 69-72.
- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. *Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/V7ZBJBjRgcZD976QMNpqdPp/?lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- ALL EUROPEAN ACADEMIES. *The European code of conduct for research integrity*. All European Academies, 2018. Disponível em: https://www.allea.org/wp-content/uploads/2018/11/ALLEA-European-Code-of-Conduct-for-Research-Integrity-2017-Digital_PT.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2020.
- CANÁRIO, Rui. *Aprender sem ser ensinado: a importância estratégica da educação não formal*. In: CNE. *A educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, 2006. p. 195-247.
- CAVACO, C. *Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais*. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 13, n. 3, p. 220-227, set./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.4013/edu.2009.133.4949>
- CAVACO, C.; PRESSE, M. C. *Formation expérientielle*. In: JORRO, A. (Org.). *Dictionnaire des concepts de la professionnalisation*. 2. ed. Bruxelas: De Boeck, 2022. p. 215-218.
- CHENÉ, Adele. *A narrativa da formação e a formação de formadores*. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs.). *O método auto(biográfico) e a formação*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 121-132.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, Christine; MELIN, Valérie. *Pesquisa biográfica em educação e juventude*. Entrevistadoras: Rosemeire Reis; Camila Aloisio Alves. *Debates em Educação, cidade*, v. 10, n. 20, p. 1-10, 2018. DOI:10.28998/2175-6600.2018v10n20p01. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/viewFile/4652/pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Expérience*. In: DELORY-MOMBERGER, Christine (Dir.). *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*. Toulouse: Édition Érès, 2019. p. 81-85.

- DOMINICÉ, Pierre. *Prefácio*. In: DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN, 2008. p. 21-24.
- DOMINICÉ, Pierre. *O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais*. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método auto(biográfico) e a formação*. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. p. 77-90.
- JOBERT, Guy. *La place de l'expérience dans les entreprises*. In: COURTOIS, Bernadette; PINEAU, Gaston (Orgs.). *La formation expérientielle des adultes*. Paris: La Documentation Française, 1991. p. 75-82.
- JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. *Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 413-438, 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. *Da formação do sujeito [...] Ao sujeito da formação*. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método auto(biográfico) e a formação*. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. p. 57-76.
- JULLIEN, François. *Transformations silencieuses*. Paris: Grasset, 2009.
- PINEAU, Gaston. *A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação*. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método auto(biográfico) e a formação*. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. p. 91-109.
- PINEAU, Gaston. *Histoire de vie*. In: DELORY-MOMBERGER, Christine (Dir.). *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*. Toulouse: Édition Érès, 2019. p. 230-233.
- SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO. *Instrumento de regulação ético-deontológica. Carta Ética*. Porto: SPCE, 2020. Disponível em: <http://www.spce.org.pt>. Acesso em: 07 mar. 2023.